

LEIRIA ■ HOSPITAL INVESTE 4,5 MILHÕES DE EUROS EM NOVOS SERVIÇOS

Mais apoio para doentes do coração

■ Hospital de Santo André aposta na diferenciação tecnológica para tratar um maior número de pessoas

● ISABEL JORDÃO TEXTO
RUI MIGUEL PEDROSA FOTOS

Todas as doenças do coração podem agora ser tratadas no Hospital de Santo André (HSA), em Leiria, que desde Maio dispõe de um renovado Serviço de Cardiologia, dotado de uma unidade de hemodinâmica e intervenção cardiovascular, com capacidade de diagnóstico e terapêutica das doenças cardiovasculares. Funciona no quinto piso, onde antes estavam situados os quartos particulares, lado a lado com o também renovado Serviço de Medicina Intensiva.

Os novos serviços representam um investimento de 4,5 milhões de euros e assumem “especial importância”, como referiu o presidente do Conselho de Administração do HSA, Helder Roque, tendo em conta as “expectativas de uma melhoria dos cuidados assistenciais ao doente crítico, reduzindo a mortalidade e a morbilidade”.

“Apostámos na diferenciação tecnológica para tratarmos o maior número de doentes e estarmos na linha da frente dos cuidados intensivos e da cardiologia”, disse ao CM o médico João Morais, director do Serviço de Cardiologia (SC) do HSA, explicando que esta estratégia permite reduzir a dependência dos hospitais centrais. Desde a entrada em funcionamento da nova tecnologia, apenas situações particulares – como a cirurgia cardíaca e os casos mais complexos na área da arritmologia – é que são encaminhados para os Hospitais da Universidade de Coimbra (HUC).

➕ PORMENORES

● **MONITORES CENTRAIS**
Os novos serviços têm uma lotação de 18 camas monitorizadas centralmente, sendo dez de cuidados polivalentes, três de neurocrítico e cinco de cuidados cardíacos. Existem ainda quatro quartos, que permitem manter os doentes em isolamento.

● **REGISTO CONTÍNUO**
Todas as camas da Medicina Intensiva e da Cardiologia são servidas por monitores, ventiladores e sistemas de infusão e perfusão de última geração, que fazem o registo contínuo dos parâmetros monitorizados.

● **MIL CATETERISMOS/ANO**
Até ao final do ano, deverão ser realizados 500 cateterismos e 200 angioplastias – foram feitas 100 até 31 de Agosto –, mas nos anos seguintes, quando for atingida a ‘velocidade de cruzeiro’, irão aumentar para mil cateterismos e 300 angioplastias por ano.

● **MAIS PACEMAKERS**
Nestes primeiros três meses de actividade, foram implantados 68 dispositivos ‘pacemaker’ no Hospital de Santo André, quando a estimativa inicial apontava para cinquenta até ao final deste ano e entre 150 a duzentos nos anos seguintes.

“Mais de 95 por cento dos doentes que nos procuram são tratados aqui”, salienta João Morais, dando como exemplo as situações de enfarte agudo do miocárdio, em que a “esmagadora maioria tem doença das coronárias e vai acabar por fazer cateterismo na nova unidade de hemodinâmica, saindo daqui directamente para casa”.

A nova unidade dispõe de equipamentos de imagem e de avaliação cardíaca que permitem a intervenção em duas áreas distintas: o cateterismo cardíaco, quer para diagnóstico, quer para terapêutica – nomeadamente com a realização de angioplastia coronária, para tratar a angina de peito e o enfarte de miocárdio – e a implantação de dispositivos para tratar arritmias, como são o caso dos pacemakers e dos cardiodesfibriladores implantados. No Centro, apenas os HUC tinham capacidade para implantar cardiodesfibriladores. ■

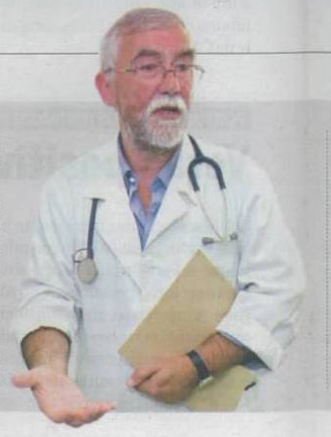
“ DISCURSO DIRECTO

JOÃO MORAIS Director do Serviço de Cardiologia do HSA

“Existe um défice de estudo dos doentes”

Correio da Manhã – A unidade de hemodinâmica custou um milhão de euros. Justifica-se?

João Morais – Não podemos recusar o avanço tecnológico ao doente por causa do custo. Este investimento não resultou de um capricho ou vaidade, tem de ser rentabilizado. Temos a noção clara de que existe um défice de estudo e tratamento dos doentes que necessitam de cuidados diferenciados.



Dor no peito foi o sintoma



Diferenciação. Na sala de hemodinâmica, são efectuados cateterismos cardíacos e implantados dispositivos para tratamento de arritmias, como pacemakers e cardiodesfibriladores.

O MEU CASO MÁRIO CRUZ

● ISABEL JORDÃO

Uma dor no peito levou Mário Cruz a uma consulta de Cardiologia no Hospital de Santo André. O especialista que o observou suspeitou de “algo grave” e solicitou análises ao sangue e um electrocardiograma – que confirmaram as suspeitas, sendo-lhe aconselhado fazer um cateterismo cardíaco. Trata-se de um procedimento pelo qual passa a grande maioria dos doentes que necessitam de ser operados ao coração e que consiste na introdução de sondas dirigidas ao coração – por uma artéria situada ao nível da virilha ou do punho



Mário Cruz mora em Cortes, Leiria

do paciente – e permite explorar o sistema cardiocirculatório e visualizar as artérias coronárias. “Estive sempre a par do meu estado e acompanhei o diagnóstico e o esforço deles pela terapêutica”, frisa

Mário, de 61 anos e professor de Economia nas Caldas da Rainha. “Percebi tudo o que fizeram e no dia seguinte fiz um novo electrocardiograma que vai servir de referência para o futuro”, explica. ■



Através da introdução de cateteres dirigidos até ao coração, o cardiologista Hilário Oliveira (à esq.) explora o sistema cardiocirculatório do doente



HSA na linha da frente dos cuidados intensivos e de cardiologia

Aparelho de 25 mil € previne morte súbita

● A prevenção da morte súbita por arritmia em doentes que sofrem, por exemplo, de miocardiopatias, é uma das áreas em que o Serviço de Cardiologia do HSA pretende iniciar em breve a intervenção. “Queremos implantar ainda este ano o primeiro cardiodesfibrilador”, revelou João Morais, adiantando tratar-se de um dispositivo que “tende a evitar a morte súbita”. Estes dispositivos, com a aparência de um isqueiro e um custo unitário de 25 mil euros, controlam a actividade eléctrica do coração, detectam quando o doente está a entrar em arritmia e produzem um choque, evitando a arritmia. ■

– Onde estão esses doentes?
– Não sabemos, pois não estão a ser tratados nem estão diagnosticados. Não é apenas uma questão de conforto para o doente, pois havendo capacidade e disponibilidade, tratamos mais pessoas.
– Com esta nova tecnologia salvam-se mais doentes?
– Pretendemos melhorar a saúde da nossa população e, ao tratar mais doentes, estamos a contribuir

para a diminuição da mortalidade por doença cardíaca, que entre nós ainda é muito elevada.
– Como preparou as equipas?
– Não podíamos iniciar o uso da tecnologia sem uma equipa treinada. O que fizemos foi reunir sete especialistas de reconhecida competência, com mais de dez anos de experiência, que estão também a assegurar a formação complementar dos profissionais do HSA. ■